

Sintagmas nominais superlativos encaixados em SNs definidos: ambiguidades de leitura

Rita Valadas

Universidade de Lisboa, CLUL

Abstract:

This paper analyses the semantical ambiguity in sentences containing superlative structures of European Portuguese where the superlative nominal phrase is particularly embedded, viz. in a higher definite nominal phrase – e.g. “a montanha_{N1} com o solo_{N2} mais rochoso”; “o caçador_{N1} do javali_{N2} mais pesado”. I show that, besides the typical interpretation, where the superlative NP does not require a comparison of the set of entities expressed by the higher noun (N₁), another interpretation is available where two interdependent comparisons are at stake – one between the entities identified by the higher noun (N₁) and another one between the entities identified by the lower noun (N₂). In this second type of interpretation, the higher noun influences directly the semantics of the superlative NP, by acting as a linguistic restrictor of the superlative’s comparison set, and the embedded NP also directly influences the interpretation of the higher NP. Formally, this restriction must be encoded in the semantic representation of the superlative NP, since, as will be shown, the information of the higher noun must be included in the comparison set’s restrictions (C*). This phenomenon is conditioned by pragmatics, since the restrictive reading of the higher noun is only possible in a context where the comparison between the two types of entities makes sense. I will propose that the NP embedding context of the superlative NP should be regarded as a crucial element in the typology of linguistic restrictors of the comparison set.

Keywords: Superlatives, Nominal modification, Nominal semantics, Ambiguity, Quantification

Palavras-chave: Superlativos, Modificação nominal, Semântica nominal, Ambiguidade, Quantificação

1. Introdução

O presente trabalho analisa a ambiguidade semântica que se verifica em frases contendo estruturas superlativas como “a montanha com o solo mais rochoso” ou “o caçador do javali mais pesado”, em que o sintagma nominal superlativo está encaixado num outro sintagma nominal definido, mais alto.

Como já foi descrito na literatura de especialidade (e.g. Szabolcsi, 1986; Gawron, 1995; Heim, 1999; Stateva, 2005), num sintagma nominal superlativo típico, como “o javali mais pesado”, está, por norma, presente uma ambiguidade de leitura que se prende com a definição do “conjunto de comparação”, isto é, o conjunto das entidades que são comparadas relativamente à propriedade relevante expressa no adjetivo da construção superlativa (“pesado”, neste caso). Esse conjunto, formado por entidades do tipo identificado pelo núcleo do sintagma nominal superlativo (“javalí”), é, em certo sentido, pressuposto, visto que a discriminação dos seus membros depende, em larga medida, do contexto situacional e/ou do conhecimento partilhado, isto é, de fatores pragmáticos.

A clássica ambiguidade dos SNs superlativos envolve duas leituras possíveis: i) uma leitura “absoluta”, em que “o javali mais pesado” se refere ao javali existente no mundo com o maior grau de peso, por exemplo, uma subespécie; ii) uma leitura “comparativa”, em que este sintagma se refere a um javali destacado de entre um conjunto de javalis contextualmente definido (e.g. o conjunto de javalis tratado no discurso; o conjunto de javalis observado na situação de enunciação, etc.). A diferença entre as duas interpretações consiste sobretudo numa diferença no conjunto de entidades que são consideradas na comparação: no primeiro caso, consideram-se todos os javalis existentes, ao passo que, no segundo caso, o conjunto de comparação está reduzido aos javalis relevantes no contexto de enunciação.



Muito frequentemente, os SNs superlativos incluem expressões modificadoras preposicionais (SPs) ou oracionais que funcionam como restritores do conjunto de comparação (e, adicionalmente, como operadores de desambiguação, visto que favorecem – ou induzem mesmo, por vezes – a leitura comparativa):

- (1) Aquele é $[_{SNsup}$ o javali mais pesado {da jaula 5/ que está neste jardim zoológico}].

Neste trabalho, atentarei numa ambiguidade que se gera quando o SN superlativo (necessariamente definido) – doravante SN_{sup} – está encaixado num SN definido mais alto, diretamente na posição de modificador ou complemento, após uma preposição, ou em posições ainda mais encaixadas, como acontece quando está presente uma oração relativa restritiva:

- (2) a. $[_{SN}$ O caçador d $[_{SNsup}$ o javali mais pesado]] é o António.
 b. $[_{SN}$ A montanha da América com $[_{SNsup}$ o solo mais rochoso]] fica nessa região.
 c. Este é $[_{SN}$ o congressista que tem $[_{SNsup}$ o argumento mais interessante]].

Nestes casos, em que o superlativo parece também ter preferencialmente uma leitura comparativa, há contextos em que o núcleo do SN superior tem um papel semântico especialmente relevante para a determinação do significado do SN superlativo, apesar de lhe ser sintaticamente exterior: esse papel consiste em funcionar diretamente como restritor do conjunto de comparação. Por outras palavras, o conjunto de entidades comparadas no SN superlativo é identificado tendo em conta as entidades referidas pelo nome nuclear: em (2a), comparam-se javalis que foram caçados por (um conjunto contextualmente relevante de) caçadores; em (2b), solos de montanhas da América; em (2c), argumentos usados por congressistas (que estejam no momento a discutir um determinado assunto). Quer isto dizer que – na leitura relevante, que como veremos, não é a única para este tipo de estruturas e, em certos casos, pode até não estar disponível – há implicitamente uma comparação – secundária – de entidades expressas pelo nome mais alto (caçadores, a par de javalis; montanhas [da América], a par de solos; congressistas, a par de argumentos).

O propósito deste trabalho é analisar as construções superlativas destes contextos enquanto estruturas que colocam questões interessantes para o estudo dos superlativos. Observam-se casos em que a semântica de um SN superlativo é particularmente complexa, envolvendo – além de variáveis como o conjunto de comparação e o contexto discursivo ou pragmático (Yee, 2010) – ambiguidades de leitura relativamente subtis, reveladas em construções sintáticas complexas com a estrutura simplificada $[_{SN}$ o N_1 $[_{SP/OR}$... $[_{SNsup}$ o N_2 mais X]].

Na secção 2, após uma apresentação geral das construções superlativas, salientando os conceitos gramaticais essenciais para a sua descrição (cf. 2.1.), descreverei mais pormenorizadamente a clássica ambiguidade, já referida, entre leitura absoluta e comparativa (cf. 2.2) e as expressões linguísticas que, em português, são tipicamente restritores do conjunto de comparação e possíveis desambiguadores (cf. 2.3.).

Na secção 3, discutirei o caso dos SNs superlativos encaixados em SNs definidos e a ambiguidade a eles associada. Após uma descrição dos dados produzidos por mim ou recolhidos em *corpora* (cf. 3.1.), proporei uma análise da semântica destas construções, discutindo os contextos em que a ambiguidade em causa surge e sugerindo que a estrutura sintática destes sintagmas nominais complexos facilita a emergência de duas leituras, já que o nome do SN mais alto pode funcionar como um restritor ao conjunto de comparação do SN superlativo encaixado (cf. 3.2.), embora essa emergência seja sobretudo condicionada por fatores pragmáticos.

Por fim, na secção 4, apresentarei algumas conclusões, salientando a importância destas construções para o estudo mais genérico das estruturas superlativas do português.



2. Sobre as construções superlativas em português

Existem, no português, diversos tipos de construções superlativas, com estruturas sintáticas distintas, mas que têm em comum determinados elementos morfossintáticos e, sobretudo, a expressão de uma mesma relação semântica a que se pode chamar “superlatividade” (que adiante explicitarei de forma detalhada).

A descrição linguística formal dos superlativos tem sido feita sobretudo para o inglês. A par das descrições em gramáticas (e.g. Huddleston (2002: 1164-1170)), é vasta a literatura de especialidade sobre este tópico. Szabolcsi (1986) é um dos primeiros trabalhos de análise semântica das propriedades das construções superlativas, discutindo as principais questões gramaticais envolvidas nestas estruturas. Seguiram-se-lhe diversos estudos, de entre os quais se destacam Gawron (1995), Heim (1999), Sharvit e Stateva (2002), Schwarz (2005), Matushansky (2008), Scheible (2009), Yee (2010), Romero (2013), entre outros.

Relativamente ao português, os superlativos têm sido tratados sobretudo em capítulos sobre morfologia adjetival de gramáticas como Cunha e Cintra (1984) e Mateus *et al.* (2003), enquanto expressões do grau superlativo dos adjetivos. Para esta língua, distingue-se a descrição mais pormenorizada de Marques (2013), que considera os superlativos como estruturas do universo da comparação e das construções de grau.

As construções superlativas mais estudadas, quer no português quer em outras línguas, integram sintagmas nominais em que o morfema superlativo (“mais” ou “menos”) se aplica a uma expressão adjetival (dentro de um modificador adjetival):

- (3) a montanha mais rochosa

No entanto, há vários outros tipos de construções superlativas no português, de entre os quais se destacam aquelas em que o operador superlativo se aplica: (i) também a uma expressão adjetival, como em (3), mas numa posição mais encaixada, e.g. num sintagma preposicional em posição de modificador (4a); (ii) a uma expressão nominal, verbal ou adverbial, dentro de uma oração relativa restritiva (4b); (iii) a uma expressão prepositiva de valor escalar – e.g. “a sul” (4c); (iv) a uma expressão adverbial, quer em contexto adverbial (4d) quer em contexto argumental (4e); (v) também a uma expressão adjetival, como em (3) e (4a), mas sem a presença explícita de um núcleo nominal (4f).

- (4) a. a montanha com o solo mais rochoso
 b. a montanha {que tem mais rochas/ em que há mais rochas/ de que o Pedro gosta mais/ que o Pedro escalou mais rapidamente}
 c. (eles encontram-se) o mais a sul que conseguiram
 d. (fazer o teste) o mais rapidamente possível
 e. (portar-se) o mais corretamente possível
 f. o mais importante

Embora as estruturas como as de (3), SNs superlativos relativamente simples com modificadores adjetivais, sejam as mais usadas nas descrições dos superlativos, há estudos sobre o inglês que consideram também, entre outras, estruturas adverbiais, e.g. “first class mail usually arrives *the fastest*” (Scheible, 2009: 60) ou adjetivais sem núcleos nominais realizados, e.g. “in July, Mercury is *the brightest* [on the first day of the month]” (Scheible, 2009: 45), ou ainda casos especialmente complexos (pelas questões especiais que colocam) de superlativos em contextos de orações interrogativas, e.g. “who did you take the best picture of?” (Szabolcsi, 1986: 1), evidenciando a especial complexidade sintática das construções superlativas.

Como veremos adiante, para o estudo aqui apresentado, interessam centralmente as construções superlativas que incluem sintagmas nominais do tipo dos de (3), (4a) e (4b).



2.1. Propriedades e conceitos gramaticais fundamentais das construções superlativas

Considero que existem, pelo menos, seis conceitos gramaticais essenciais na descrição semântica das construções superlativas: a) conjunto de comparação; b) dimensão da comparação (ou escala da comparação); c) grau superlativo; d) entidade(s) com o grau superlativo; e) condição de superlatividade; f) condição de definitude.

Nesta secção, apresentarei resumidamente cada um destes conceitos, mostrando que eles se refletem em quatro expressões linguísticas comuns a todos os sintagmas nominais superlativos: i) um artigo definido, que encabeça o sintagma nominal superlativo; ii) uma expressão nominal, geralmente na posição de N', cujo núcleo identifica o tipo de entidade denotada pelo sintagma e o tipo de entidades consideradas na comparação; iii) uma construção sintagmática ou oracional que modifica o núcleo nominal (ou um N' construído a partir dele); iv) um operador superlativo “mais” ou “menos”, inserido no modificador referido em iii).

O SN superlativo, que é obrigatoriamente definido em português (veja-se a agramaticalidade da frase “*eu conheço um rapaz mais alto da turma”), refere – caso seja singular, situação que, por facilidade de exposição, considerarei sempre doravante (devendo fazer-se as adaptações necessárias para a situação em que ele é plural) – a entidade que, de entre um conjunto de entidades do mesmo tipo (que constituem o “conjunto de comparação”), tem o grau máximo ou mínimo de uma determinada propriedade (e.g. “ser rochoso”); como é evidente, essa propriedade é necessariamente graduável (cf. “*ele é o homem mais morto da sala”) e, nos casos que estamos a considerar, é expressa no modificador do núcleo nominal. A operação de superlatividade envolve, assim, uma função entre entidades e graus de uma escala (ordenada) de comparação de uma propriedade e o conseqüente destaque da entidade que está no extremo superior ou inferior dessa escala.

O primeiro conceito a considerar é o de “conjunto de comparação” (em inglês, “comparison set”), termo usado primeiramente por Szabolcsi (1986) e adotado pelos vários autores que se lhe seguiram. Consiste no conjunto implícito (i.e. não diretamente explicitado) de entidades cujos graus de uma propriedade são avaliados e comparados. Por exemplo, no sintagma “a montanha mais rochosa da América”, o conjunto de comparação é o conjunto das montanhas da América. O conjunto de comparação, embora não seja, por norma, diretamente representado, está tipicamente associado a um nó N', podendo ser apenas um nome simples ou uma estrutura nominal modificada por outros elementos, como em “o rapaz chinês mais alto” ou “o rapaz de Lisboa mais alto”. Em alguns casos, quando se trata de um núcleo nominal simples, o nome pode estar elidido, desde que seja recuperável pelo contexto discursivo e/ou pragmático – e.g. “Estão aqui 10 rapazes. O [] mais alto é o Filipe.” (vs. “Estão aqui 10 rapazes. *O [] chinês mais alto é o Filipe.”/ “*O [] de Lisboa mais alto é o Filipe”). Através deste nó N', identifica-se o tipo de entidades que fazem parte do conjunto, mas não se explicitam individualmente os seus membros. É necessário que o contexto (e.g. o contexto situacional ou o conhecimento partilhado) permita a identificação dos vários elementos considerados.

“Dimensão da comparação” é como se tem denominado, na literatura da especialidade, a relação ordenada entre graus (e.g. altura, peso) que é necessária para que exista um superlativo. Tipicamente, esta dimensão ou escala é expressa pelo adjetivo incluído num SN superlativo como o de (3), sendo o papel desse adjetivo relacionar os membros do conjunto de comparação com valores de uma determinada escala (Szabolcsi, 1986; Gawron, 1995; Scheible, 2009). Assim, a dimensão da comparação de um sintagma como “a montanha mais rochosa” será uma escala de “rochosidade”, sendo que há um valor dessa escala associado a cada entidade do tipo “montanha”.

O terceiro conceito a considerar é o grau superlativo. Este é o valor mais alto ou mais baixo na escala considerada, que é associado a um elemento do conjunto de comparação. Embora não seja normalmente explicitado no sintagma nominal superlativo (a não ser que haja e.g. apostos com essa função específica – cf. “a montanha mais alta da América, com 6961m de altitude, é o Aconcágua”), o grau superlativo é essencial na



semântica de uma estrutura deste tipo, pois a entidade referida distingue-se das outras entidades do conjunto de comparação por só ela se associar a este grau. (Recorde-se, mais uma vez, que, por facilidade, estamos apenas a considerar o caso de SNs singulares.)

A entidade com o grau superlativo é, assim, a entidade que o SN superlativo refere diretamente (x na Fig. 1, adiante), constituindo o quarto conceito fundamental na representação da semântica de um SN superlativo.

A relação estabelecida num sintagma nominal superlativo corresponde à condição de superlatividade. Como já afirmado, de uma forma genérica, a superlatividade consiste em destacar, de entre um grupo de entidades comparadas, aquela que tem o grau mais alto ou mais baixo de uma determinada propriedade. Existem várias formas de representar esta relação numa representação semântica. Adotando a linguagem da Discourse Representation Theory (DRT) de Kamp e Reyle (1993), Yee (2010) propõe a seguinte representação para o SN superlativo “the highest mountain (in the Americas)” (‘a montanha mais alta (das Américas)’):

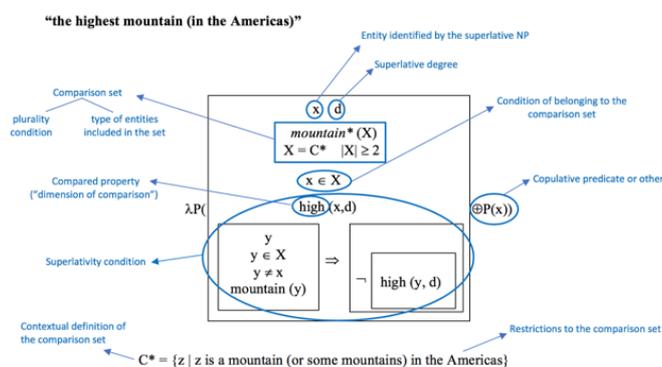


Fig. 1. Segmento de DRS do SN superlativo “the highest mountain (in the Americas)”, com base em Yee (2010) e com anotações minhas adicionadas

Como se pode ver na Fig. 1, para um SN superlativo com o operador equivalente a “mais”, a condição de superlatividade distingue x (a entidade identificada pelo SN superlativo) de todas as entidades y , pertencentes ao conjunto de comparação X^1 , que não são altas (“high”) no grau d , que é o grau em que x é alto.

Por fim, a condição de definitude é essencial para os sintagmas nominais superlativos do português, porque, nesta língua (ao contrário de outras, como o inglês), eles são necessariamente definidos. A presença do artigo definido ou de uma expressão comparável (por exemplo, certos pronomes relativos como “quem”) é condição para a gramaticalidade de um SN superlativo, sendo agramatical uma estrutura como “*um rapaz mais alto da turma”.

¹ Como notado por um revisor deste artigo, a condição de pluralidade do conjunto de comparação – expressa pela condição $|X| \geq 2$ – pode ser questionada em contextos em que se usa uma expressão superlativa mas o conjunto de entidades consideradas contém apenas um elemento, como em “ele é o rapaz mais bonito desta sala, até porque é o único!”. Embora curiosos, estes são contextos excepcionais de uso de um SN superlativo; regra geral, as expressões superlativas são usadas em contextos em que se considera mais do que uma entidade do tipo relevante, sendo que a operação de superlatividade consiste precisamente em destacar aquela que tem o maior ou menor grau de determinada propriedade. Os casos em que o conjunto de comparação é composto por apenas um elemento são, assim, casos atípicos, em que é comum a necessidade de explicitar linguisticamente, através de uma oração coordenada ou subordinada, essa informação – “o Manel é o meu melhor amigo, porque é o único amigo que eu tenho!”. Além disso, o caráter informativo e referencial destes SNs superlativos é discutível, já que, nestas estruturas, seria, em rigor, possível dizer que a entidade x é “a mais ADJ” mas também “a menos ADJ”, uma vez que é única no contexto de enunciação, não havendo termo de comparação.



2.2. Uma importante distinção: leitura absoluta vs. leitura comparativa

Uma das principais características dos SNs superlativos descritas na literatura é a ambiguidade de leitura – “absoluta” vs. “comparativa” – que frequentemente lhes está associada, a qual está relacionada com a interpretação do conjunto de comparação.

Vários autores, como Szabolcsi (1986), Heim (1999), Farkas e Kiss (2000), Stateva (2005) ou Tomaszewicz (2015), entre outros, descrevem que, numa frase como “o Pedro teve a nota mais alta”, estão disponíveis duas leituras para o SN superlativo: i) uma **leitura absoluta**, em que o sintagma identifica a nota que corresponde ao maior valor na escala de notas socialmente estabelecida (e.g. de 0 a 20), e, portanto, a frase significa que o Pedro teve a nota 20; ii) uma **leitura comparativa**, em que o sintagma identifica a nota mais alta (e.g. 16) de entre as notas das pessoas contextualmente relevantes (e.g. os alunos da turma B, considerados no momento de enunciação ou referidos anteriormente no discurso), e, portanto, a frase significa que o Pedro teve a nota 16, se todos os seus colegas tiveram uma nota inferior.

A diferença entre as duas leituras envolve a consideração de conjuntos de comparação diferentes. Uma vez que, na maior parte dos casos², o conjunto de comparação está implícito e não é explicitamente referido, as entidades consideradas na comparação variam consoante a leitura selecionada.

No primeiro caso, o conjunto de comparação é composto por todas as notas existentes na escala de notas estabelecida – entre 0 e 20. Da mesma forma, na leitura absoluta de um sintagma como “a montanha mais alta” (o exemplo clássico da maioria dos artigos sobre superlativos) consideram-se todas as montanhas existentes no mundo atualmente, sendo que o SN identifica aquela que é, no presente, a mais alta conhecida (i.e. o Monte Evereste). Já no caso da leitura comparativa, o conjunto de comparação é mais restrito e, crucialmente, é contextualmente definido. Nas descrições do exemplo clássico – “o Pedro escalou a montanha mais alta” – os autores (cf. e.g. Sharvit e Stateva (2003)) afirmam que a comparação não é, na realidade, feita entre montanhas mas sim entre montanhistas, porque, na leitura comparativa, este sintagma identifica a montanha mais alta de entre as montanhas escaladas por um determinado conjunto de montanhistas, sendo necessário verificar qual a altura da montanha que cada montanhista escalou, para determinar a montanha mais alta de entre as escaladas por eles. Na leitura comparativa do exemplo acima – “o Pedro teve a nota mais alta” –, o conjunto de comparação teria, assim, de conter apenas as notas de um conjunto relevante de alunos, por exemplo os alunos da turma B, havendo, na perspetiva dos autores referidos, uma relação direta entre as notas e os alunos em causa.

Importa dizer que a dualidade de leituras é sensível ao tipo de propriedade comparada e, consequentemente, aos modificadores (adjetivais, preposicionais ou oracionais) incluídos no SN superlativo. Pragmaticamente, há contextos em que a leitura absoluta parece estranha. Por exemplo, sintagmas como “a nota mais alta” ou “a montanha mais alta” são facilmente enquadrados nesta ambiguidade, uma vez que, dado o nosso conhecimento do mundo, existe uma escala de notas consensualmente estabelecida e são conhecidas as alturas de todas as montanhas existentes no mundo, o que permite falar da nota mais alta e da montanha mais alta em absoluto ou, no caso da leitura comparativa, em comparação com um grupo específico de notas e de montanhas. No entanto, sintagmas como “a montanha que o Pedro escalou mais rapidamente” ou “a rapariga que mais viajou” parecem estranhas com uma leitura absoluta e facilmente aceitáveis com leitura comparativa, já que são estatutos pragmaticamente improváveis em absoluto, mas correspondem facilmente a sintagmas que resultam da comparação entre as montanhas escaladas pelo Pedro ou as raparigas de um determinado grupo de amigas que viajaram no último ano.

² Como já descrito para o inglês (eg. Scheible, 2009), há casos em que o conjunto de comparação é explicitado, através de um sintagma preposicional, tipicamente em posição inicial de frase, encabeçado por “de entre” – “De entre os rapazes da turma B, o João é o rapaz mais alto”.



2.3. Operações de restrição ao conjunto de comparação e de desambiguação

Muito frequentemente, os sintagmas nominais superlativos incluem expressões modificadoras que permitem a desambiguação, conduzindo a uma das leituras apresentadas anteriormente (em 2.2.); trata-se de expressões que restringem o conjunto de comparação, dando informações mais pormenorizadas sobre os seus membros. Relembremos que o conjunto de comparação é identificado tipicamente a partir do nó N', que inclui a informação dos argumentos ou modificadores do núcleo nominal. Por exemplo, em “a montanha mais alta da América”, o sintagma preposicional “da América” restringe o conjunto de comparação às montanhas que se situam neste continente, da mesma forma que “o presidente português mais popular” restringe o conjunto de comparação aos presidentes portugueses, excluindo todos os presidentes de outras nacionalidades.

A estas expressões modificadoras incluídas nos sintagmas nominais superlativos chamarei, por facilidade de referência, **operadores restritivos do conjunto de comparação**.

Há vários tipos de operadores linguísticos de restrição do conjunto de comparação. Considerando a sua categoria/função sintática, podemos distinguir: i) modificadores nominais comuns; ii) modificadores nominais especiais de estruturas superlativas; iii) elementos adjuntos com “de entre”; iv) elementos exteriores à frase, no contexto textual prévio; v) núcleos nominais possivelmente modificados (N') que dependem diretamente de SNs superlativos.

O primeiro tipo é composto pelos modificadores nominais comuns (Móia 1993), como sintagmas preposicionais (5a), orações relativas restritivas (5b), sintagmas adjetivais (5c), orações gerundivas (5d) ou orações participiais (5e). Frequentemente, estes modificadores surgem em posição final dentro do SN superlativo, embora, como se vê em (5c), pelo menos os modificadores adjetivais sejam aceitáveis em posição intermédia.

- (5) a. Dezasseis foi [SN^{sup} a nota mais alta da turma B].
 b. Este é [SN^{sup} o javali mais pesado que o António caçou].
 c. Marcelo é considerado [SN^{sup} o presidente português mais popular].
 d. Este é [SN^{sup} o ministro mais competente exercendo funções governativas].
 e. Ontem comi [SN^{sup} o bolo mais delicioso feito pela minha mãe].

Os modificadores de tipo ii) são sintagmas preposicionais encabeçados por “de”, com propriedades sintáticas e semânticas especiais, distintas das de SPs como os de (5a). Trata-se de sintagmas que surgem tipicamente em construções superlativas, quase exclusivamente em posição final, e que incluem expressões genéricas de comparação, sobretudo temporal ou espacial:

- (6) a. [SN^{sup} A montanha mais alta do mundo] é o Evereste.
 b. [SN^{sup} O atleta mais rápido de sempre] é Bolt.
 c. Ontem aconteceu [SN^{sup} o terremoto mais mortífero de que há memória].
 d. Ronaldo é [SN^{sup} o futebolista mais famoso de todos os tempos].

Embora formas superficialmente idênticas possam surgir em certos contextos não superlativos (e.g. “o inimigo de sempre”), estas expressões, com o significado que têm nos exemplos de (6), são típicas de construções superlativas e estranhas em SNs que não envolvem superlatividade:

- (7) a. *A/Uma montanha alta do mundo é o Evereste.
 b. *O/Um atleta rápido de sempre é Bolt.
 c. *Ontem aconteceu o/um terremoto mortífero de que há memória.
 d. *Ronaldo é o/um futebolista famoso de todos os tempos.



Independentemente da existência ou não de diferenças sintáticas (questão sobre a qual aqui não tomarei partido), importa distinguir este tipo de modificadores preposicionais, como “do mundo” e “de sempre”, de outros como “da Ásia” ou “da turma B” (5a), porque parecem ter papéis diferentes na semântica do SN superlativo, nomeadamente no que toca à interpretação do conjunto de comparação. Pelo seu carácter genérico, SPs como “do mundo” ou “de sempre” servem como bloqueadores de qualquer restrição (espacial ou temporal) ao SN superlativo, ou seja, como uma espécie de marcadores da inexistência de restrições relevantes (ou “irrestritores”, se quisermos) no conjunto de comparação, apesar de serem superficialmente semelhantes aos outros sintagmas preposicionais (Móia c.p.). Na ausência de um modificador que especifique o conjunto de comparação ou de um contexto situacional específico, a interpretação mais imediata do SN superlativo na frase “o Pedro escalou a montanha mais alta” é “a montanha mais alta do mundo” e, conseqüentemente, “a montanha mais alta de todas”; o modificador expressa, assim, quantificação universal sobre o conjunto de comparação e bloqueia a leitura em que se considera um grupo específico de montanhas. Semelhantemente, o papel do SP “de sempre” na frase “o atleta mais rápido de sempre é Bolt” é bloquear uma restrição temporal ao conjunto de atletas comparados; por influência do presente do indicativo, a interpretação mais imediata da frase sem o adjunto – “o atleta mais rápido é Bolt” – é a de que se comparam os atletas existentes no presente da enunciação, mas o sintagma preposicional temporal faz com que se bloqueie essa interpretação e se considerem todos os atletas da História.

A paráfrase destes SPs através de adjuntos preposicionais encabeçados por “de entre” apoia a diferenciação entre os dois tipos de modificadores preposicionais. Repare-se que é perfeitamente aceitável o sintagma “a montanha mais alta de entre as (montanhas) da Ásia”, ao contrário do SN “a montanha mais alta de entre as (montanhas) do mundo”, bem menos natural. Da mesma forma, “o atleta mais rápido de entre os (atletas) dos anos 20” não é estranho, mas “o atleta mais rápido de entre os (atletas) de sempre” é. A incompatibilidade destes modificadores com sintagmas com “de entre”, que têm um carácter mais específico, pode, assim, mostrar o seu carácter genérico e irrestritivo.

Do terceiro tipo de modificadores fazem parte os sintagmas preposicionais encabeçados pela locução prepositiva “de entre”, que podem surgir quer numa posição (possivelmente) interna ao SN superlativo (8a) quer numa posição (possivelmente) externa ao SN, com escopo sobre toda a frase (8b).

- (8) a. O javali mais pesado de entre todos os javalis caçados por estes caçadores é este.
b. De entre todos os caçadores, o Pedro caçou o javali mais pesado.

Como se pode ver nestes exemplos, há casos em que o nome do SN superlativo e o nome do SP adjunto é o mesmo (“javali” em (8a)) e outros em que os dois constituintes têm nomes diferentes (“caçadores” e “javali” em (8b)), embora isso não esteja necessariamente relacionado com a posição do SP – cf. “de entre todos os javalis caçados por estes caçadores, o javali mais pesado é este”. No primeiro caso, é relativamente intuitivo que o SP com “de entre” corresponde a uma estratégia de explicitação do conjunto de comparação em causa, especificando-se qual o conjunto de entidades considerado na comparação associada ao sintagma superlativo. Quanto ao segundo caso, Scheible (2009) analisa construções semelhantes para o inglês, afirmando que, em exemplos como “of all the fisherman, Peter caught the largest fish” (‘de todos os pescadores, o Pedro pescou o maior peixe’), estão envolvidos dois conjuntos de comparação interdependentes – um identificado pelo nome do SP adjunto (neste caso, “pescadores”) e outro identificado pelo nome do SN superlativo (neste caso, “peixe”), como veremos melhor adiante (cf. 3.2.). Tipicamente, estes sintagmas com “de entre” funcionam como desambiguadores, na medida em que, por norma, são apenas compatíveis com uma leitura comparativa do SN superlativo, visto que explicitam o conjunto de comparação contextual e discursivamente relevante para a interpretação do superlativo.

O quarto tipo de operadores de restrição opera ao nível do discurso, isto é, no plano transfrásico. Consiste em estruturas, usualmente frásicas, que, num momento prévio do discurso, dão informação que



restringe o conjunto de comparação associado ao SN superlativo. É o que acontece, por exemplo, em (9), em que a primeira frase estabelece o cenário em que se processa a comparação e no qual é processado o SN superlativo: uma prova de caça (que o sujeito de enunciação provavelmente presencia) em que estão presentes 50 caçadores que compõem o conjunto de comparação do SN superlativo “o caçador mais atlético”.

(9) Estão nesta prova de caça 50 caçadores. O António é o caçador mais atlético.

Por fim, o quinto tipo de restritores é o que dá tema a este trabalho, consistindo num tipo particular de operadores de restrição do conjunto de comparação que, até onde sei, não foram ainda salientados – nos exatos termos aqui salientados – na literatura da especialidade. Trata-se de contextos em que o SN superlativo está encaixado num SN definido mais alto, funcionando o N' (núcleo ou núcleo complementado/modificado) desse SN mais alto como um restritor do conjunto de comparação do SN superlativo que dele depende; trata-se de um caso especialmente curioso, na medida em que a semântica do SN encaixado é influenciada pelo N' que o c-comanda sintaticamente. Como veremos na próxima secção, isto acontece, por exemplo, em frases como as seguintes:

- (10) a. [_{SN} O caçador d[_{SNsup} o javali mais pesado]] é o António.
 b. [_{SN} A montanha da América com [_{SNsup} o solo mais rochoso]] fica nesta região.
 c. Este é [_{SN} o congressista que tem [_{SNsup} o argumento mais interessante]].

É frequente considerar-se que a presença de elementos modificadores no SN superlativo é uma estratégia de desambiguação entre as leituras absoluta e comparativa (cf. 2.2.). Farkas e Kiss (2000: 438), por exemplo, consideram que o SN “the highest mountain in the US” (‘a montanha mais alta dos EUA’) apenas pode ter leitura absoluta, uma vez que o conteúdo descritivo do SN especifica completamente o seu conjunto de comparação, por influência do sintagma preposicional “in the US”, pelo que o SN só pode identificar o Monte McKinley (hoje em dia designado como Denali). A conclusão das autoras é, no entanto, discutível, pelo menos para as contrapartidas da frase em português, na medida em que é possível conceber, por exemplo, um cenário em que se comparam as montanhas escaladas por três alpinistas que escalaram, cada um, duas montanhas no Chile, duas montanhas na Colômbia e duas montanhas nos EUA, fazendo-se a pergunta “quem escalou a montanha mais alta dos EUA?” (a par das formas, talvez mais naturais: “quem escalou a montanha (das) dos EUA mais alta?” ou “quem escalou a montanha mais alta das dos EUA?”), sem que o SN superlativo “a montanha mais alta dos EUA” tenha de necessariamente referir o Monte McKinley, podendo referir a montanha mais alta dos EUA de entre as escaladas por aqueles alpinistas (e.g. o Monte Foraker).

Considero, diferentemente do que dizem Farkas e Kiss (2000) para o inglês, que a presença de um operador restritivo favorece uma leitura comparativa do SN superlativo, na medida em que restringe o seu conjunto de comparação. No entanto, a leitura absoluta não fica completamente bloqueada, pois o SN contendo um modificador pode identificar uma entidade sem necessidade de recorrer a um específico contexto pragmático.

3. Sintagmas nominais superlativos encaixados em SNs definidos

Esta secção ocupa-se do objeto de estudo central deste trabalho: sintagmas nominais superlativos em posição encaixada em SNs definidos. Como já foi dito, estes contextos são aqui tratados como casos ilustrativos de restrição ao conjunto de comparação do SN superlativo, razão pela qual são relevantes no estudo das construções superlativas do português. Após uma apresentação e descrição genérica dos dados relevantes (cf. 3.1.), apresentarei uma proposta de análise para estas construções, apoiando-me em descrições



do inglês de estruturas com propriedades semelhantes (Scheible, 2009) e em alguns dados do português que parecem corroborar as análises defendidas (cf. 3.2.).

3.1. Descrição genérica dos dados

Nesta secção, serão considerados dados produzidos por mim e dados encontrados no *corpus online* de texto jornalístico CETEMPúblico. Vejam-se os seguintes exemplos, em que os SNs superlativos surgem numa posição dependente de um N' mais alto, inseridos quer em sintagmas preposicionais (11) quer em orações relativas restritivas (12)³:

- (11) a. Estavam 20 caçadores na competição. [_{SN} **O caçador d** [_{SNsup} **o javali mais pesado**]] é o António.
 b. A Ana estudou [_{SN} **a montanha da América com** [_{SNsup} **o solo mais rochoso**]].
 c. «Há quem lhe chame [_{SN} **o comprimido para dormir (...)** com [_{SNsup} **o efeito mais potente**]].» (CETEMPúblico, par=ext786164-des-98b-2)
 d. «Petrie não sabe por que razão é que [_{SN} **os animais com** [_{SNsup} **as caudas mais bonitas**]] hão de ser os que têm os genes mais resistentes (...).» (CETEMPúblico, par=ext59270-clt-soc-94b-2)
 e. [_{SN} **O autor d** [_{SNsup} **o livro português mais vendido em 2018**]] é José Rodrigues dos Santos.
- (12) a. Este é [_{SN} **o congressista que tem** [_{SNsup} **o argumento mais interessante**]].
 b. «[_{SN} **O homem que (...)** ocupou [_{SNsup} **o cargo mais elevado no Aussenministerium (MNE)**]] nasceu em 1927 em Reideburg (...).» (CETEMPúblico, par=ext396117-nd-98b-2)
 c. «“A Viagem” foi, aliás, [_{SN} **o ponto que mereceu** [_{SNsup} **os comentários mais entusiasmados da rainha**]] (...).» (CETEMPúblico, par=ext224340-soc-98a-2)

Olhando apenas para os exemplos de (11a) e (11b), observamos imediatamente que o SN superlativo depende de um nó N' e não apenas de um nome, uma vez que o núcleo do sintagma mais alto pode ser modificado, como em “montanha da América”, ou não. Além disso, os exemplos acima mostram ainda que o SN superlativo pode ter a função de modificador de N', como em (11c-d), ou ser argumento do nome, como em (11e)⁴.

Os dados tratados neste estudo envolvem sintagmas nominais complexos definidos, com uma estrutura superficial que pode ser representada através da seguinte forma simplificada:

- (13) [_{SN} det-def N'₁ (...) [_{SNsup} det-def N'₂ AP_{mais/menos}]]
- | | | | | | | | | | | |
|----|---|---|---------|------------|---|---|--------|------|---|---------|
| a. | ↓ | o | caçador | de | ↓ | o | javali | mais | ↓ | pesado |
| b. | ↓ | o | homem | que ocupou | ↓ | o | cargo | mais | ↓ | elevado |

³ Importa excluir dos casos que se obtêm com uma pesquisa “cega” nos *corpora* aqueles em que, por questões sintáticas, a ambiguidade que será descrita não se aplica, pois, estruturalmente, não há encaixe de um SN superlativo num SN mais alto. É o que acontece, por exemplo, em “o dono do restaurante mais inteligente”, em que, por questões semânticas relacionadas com o adjetivo “inteligente”, que geralmente qualifica uma entidade humana ou animada, não faz sentido considerar a estrutura *[_{SN} o dono d [_{SNsup} o restaurante mais inteligente]].

⁴ Sobre a distinção entre argumento e modificador de N' ver, por exemplo: Peres (1992); Mória (1993); Raposo e Miguel (2013).



O sintagma mais alto identifica uma entidade (ou várias, se for plural) do tipo descrito pelo seu núcleo, ou seja, por N¹, “caçador” em (13a), da mesma forma que o sintagma superlativo encaixado identifica uma entidade do tipo descrito por N², neste caso “javali”.

O que mostrarei na secção seguinte, tendo em conta as propriedades específicas dos sintagmas nominais superlativos (referidas em 2.1), é que há certos casos em que a semântica do SN superlativo (encaixado) é diretamente influenciada pelo N’ de que ele depende, consistindo essa “influência direta” no facto de que a interpretação do seu conjunto de comparação depende da estrutura nominal mais alta, que funciona como um restritor.

3.2. A função restritiva da estrutura nominal mais alta

A análise que aqui apresento pretende dar conta de uma aparente ambiguidade que se gera em estruturas com encaixe de um SN superlativo num SN definido, como as apresentadas em 3.1. A ambiguidade em causa relaciona-se com a interpretação do SN superlativo que, em certos casos – mas não em todos, como procurarei mostrar –, parece ser diretamente condicionada pelo N’ superior. Por exemplo, na frase de (11a) – “o caçador do javali mais pesado é o António” –, quando ela é proferida num cenário em que o enunciador está em frente a um grupo de caçadores participantes de uma dada competição de caça, a identificação do javali referido pelo SN superlativo depende da consideração apenas dos caçadores que caçaram javalis nessa competição, já que a entidade referida é necessariamente um dos javalis que foram caçados por aquele grupo de caçadores e não qualquer outro javali do mundo.

Scheible (2009: 42), apresenta, para o inglês, uma subclassificação de estruturas superlativas entre as quais⁵ destaca uma que tem propriedades semelhantes às construções aqui tratadas. Trata-se de estruturas como “of all the fisherman, Peter caught *the largest fish*” (‘de todos os pescadores, o Peter pescou *o maior peixe*’), a que a autora chama “relative set comparison” (comparação relativa de conjuntos), afirmando que, no seu processamento, estão envolvidas duas comparações – uma entre pescadores e outra entre peixes –, o que implica que sejam considerados dois conjuntos de comparação, um correspondente ao nome “pescadores” e outro ao nome “peixe”⁶. Segundo ela, o N₁ (neste caso, “pescadores”) atua de forma restritiva face ao N₂ (“peixe”), uma vez que, para sabermos qual é o conjunto de comparação do segundo, precisamos de ter em conta as entidades do conjunto de comparação do primeiro. A proposta é, assim, que existam “duas comparações interdependentes”, na medida em que, para identificar o maior peixe é necessário comparar os pescadores em causa relativamente ao tamanho dos peixes que cada um pescou, fazendo uma correspondência entre os peixes (comparados entre si pelo seu tamanho) e os pescadores (comparados entre si pelo tamanho dos peixes que pescaram), como se pode ver na representação esquemática da autora, replicada na Fig. 2.

⁵ São cinco os tipos de superlativos propostos: a) “property set comparisons” – “The whale shark is *the largest fish*”; b) “relative set comparisons” – “Of all the fisherman, Peter caught *the largest fish*”; c) “subject-based set comparisons” – “In July, Mercury is (the) *brightest* (on the first day of the month)”; d) “intensifiers” – “The chateau is very beautiful and has a *most interesting history*”; e) “proportional quantifiers” – “*Most books* have more than 5 pages”.

⁶ «The relative set comparison takes place between Peter (designator TD1) and the comparison set designated by fishermen (CSD1). The comparison is called relative, because its comparison set does not directly involve the superlative form and therefore only takes place relative to a second comparison involving the superlative form: the property set comparison with the superlative description the largest fish (S) and the comparison set designator “fish” (CSD2).» (Scheible, 2009: 42)



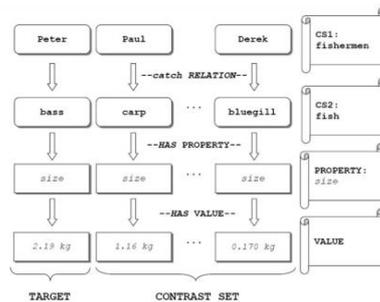


Figure 3.3: Relative set comparison: "Of all the fishermen, Peter caught the largest fish."

Fig. 2. Representação esquemática de Scheible (2009: 42) do significado da frase “of all the fisherman, Peter caught the largest fish”.

As estruturas de Scheible (2009) podem ser equiparadas, do ponto de vista semântico, às construções de encaixe tratadas neste trabalho. Repare-se que a frase “de entre todos os pescadores, o Peter pescou o maior peixe” é facilmente parafraseada por “o pescador do maior peixe é o Peter”, que inclui um SN superlativo encaixado num SN definido (do tipo exato aqui em consideração).

A minha análise tem em conta esta semelhança: em determinados contextos pragmáticos e/ou discursivos, as construções de encaixe de um SN superlativo noutra SN definido podem ter uma leitura em que o nome mais alto restringe o conjunto de comparação do nome encaixado, isto é, do SN superlativo. Por exemplo, no contexto descrito pelas frases de (11a), abaixo repetidas em (14), o javali identificado pelo SN superlativo apenas pode ser um dos que foram caçados pelos vinte caçadores referidos, uma vez que, no contexto de uma competição de caça (veja-se o cenário descrito na primeira frase), não é plausível uma interpretação absoluta (cf. 2.2) do SN (considerando o javali mais pesado existente no mundo) ou considerar o javali mais pesado de outro contexto que não o desta competição. Assim, o conjunto de javalis em causa (i.e. o conjunto de comparação do SN superlativo) apenas pode conter os javalis que foram caçados pelos caçadores daquela competição.

(14) Estavam 20 caçadores na competição. O caçador do javali mais pesado é o António.

Assumo, na linha do que Scheible defende para construções equiparáveis, que há nestes casos uma interdependência semântica entre os dois nomes do sintagma nominal complexo e que há duas comparações – uma entre as entidades do tipo do nome mais alto (caçadores) e outra entre as entidades do tipo do nome encaixado (javalis). Ao passo que os caçadores são comparados entre si relativamente a[o grau de] peso do(s) javali(s) que caçaram, os javalis são comparados relativamente ao seu próprio [grau de] peso, o que é mostrado pelo adjetivo superlativo (que identifica a dimensão da comparação em causa). Para identificar o caçador referido pelo SN superior, é necessária a relação entre cada caçador e o javali correspondente, da mesma forma que, para identificar a entidade referida pelo SN encaixado é preciso associar cada javali a um grau numa escala de peso.

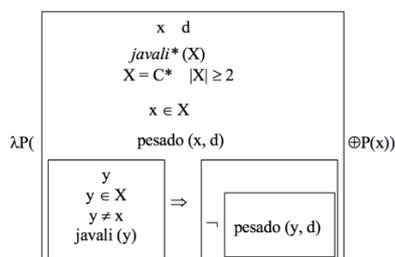
Se o conjunto denotado por N_1 , no contexto desta frase, é obviamente restringido pelo N_2 , pois este faz parte do modificador de N_1 , também a comparação de que resulta o SN superlativo encaixado depende do conjunto de entidades de N_1 . Como já foi dito em 2.2., a determinação do conjunto de comparação de um sintagma superlativo, que é tipicamente inferido e não asserido, é influenciada por várias informações dadas tipicamente pelos modificadores do núcleo nominal, pois este identifica apenas o tipo de entidades relevantes (e.g. javalis) sem particularizar. Neste caso, o SN superlativo está em posição de modificador ou complemento de uma expressão que atua como operador de restrição – a estrutura nominal mais alta –, ao



contrário do que é típico. Apesar de ser sintaticamente exterior ao SN superlativo, a parte relevante do SN mais alto funciona, do ponto de vista semântico e dadas as condições pragmáticas necessárias, como um restritor com um papel semelhante ao que têm as expressões apresentadas em 2.2., devendo, por isso, o seu contributo fazer parte da representação semântica do SN superlativo.

Seguindo a formalização proposta por Yee (2010) para os SNs superlativos, que usa a linguagem da DRT, assumo que a informação veiculada pelo N_1 deve ser incluída em C^* , o conjunto de restrições contextuais ao conjunto de comparação, que inclui tipicamente informações externas ao SN superlativo, provenientes do contexto discursivo ou situacional e do conhecimento partilhado ou enciclopédico (cf. Fig. 1). Assim, o C^* da parte da DRS associada ao SN superlativo “o javali mais pesado” incluído na frase de (11a) deverá conter a restrição que indica que os javalis que compõem o conjunto de comparação são apenas os javalis caçados por um dos membros do conjunto de caçadores relevantes para o contexto em que a frase é proferida, ou seja, os vinte caçadores da competição de caça em causa (cf. Fig. 3.).

SN superlativo: “o javali mais pesado”



$C^* = \{z \mid z \text{ é um javali caçado por um dos membros do conjunto de caçadores considerados no contexto}\}$

Fig. 3. Segmento de DRS do SN superlativo “o javali mais pesado” incluído na frase “o caçador do javali mais pesado é o António”, com base em Yee (2010).

Como já sublinhei, pode haver ambiguidade em construções de encaixe do SN superlativo, sendo fatores pragmáticos os principais a ter em consideração. Há contextos em que uma comparação entre entidades do tipo de N_1 não parece fazer sentido; por exemplo, a frase “a toca do javali mais pesado fica ali” não sugere normalmente a leitura em que o nome mais alto (“toca”) tem uma função restritiva, dado que ele implica um cenário, pouco provável, em que se comparam tocas. Da mesma forma, se a frase de (11a) não fosse proferida no contexto referido, mas sim noutra que não envolvesse a consideração (e comparação) de um conjunto de caçadores – e.g. “Estão ali dois javalis. O António foi o caçador do javali mais pesado.” – a função restritiva do nome mais alto não emergiria (isto é, a informação veiculada pelo nome “caçador” não estaria associada a nenhuma informação em C^*), ficando apenas disponível a leitura típica de um SN complexo.

Importa salientar que, tal como a operação de modificação nominal é recursiva, também esta estrutura de dependência nominal, com função restritiva do nome mais alto, é recursiva, sendo possível também em estruturas em que o SN superlativo está em níveis mais encaixados, desde que, mais uma vez, o contexto pragmático o permita.

- (15) Estão aqui várias fotografias. Encontrei
 $[_{SN} \text{ a fotografia } d[_{SN} \text{ o amigo do João com } [_{SNsup} \text{ a cara mais redonda}]]]$.

Na frase de (15), comparam-se caras (quanto ao seu grau de redondez) de amigos do João que apareçam em fotografias que o enunciador está a observar, da mesma forma que os amigos que surgem nessas fotos são



comparados quanto à redondez da sua cara e, por fim, as fotografias são comparadas entre si pelo grau de redondez da cara dos amigos do João que nelas aparecem. Havendo três níveis, há, por isso, três comparações e o conjunto de comparação do SN superlativo (i.e. “a cara mais redonda”), que contém caras, é restringido aos amigos do João das fotografias em causa. Mais uma vez, esta dependência é condicionada por questões pragmáticas e justificada pelo facto de, como mostrado na primeira frase de (15), o enunciador estar numa situação em que observa várias fotografias. No caso em que não faça sentido a comparação de fotografias, a função restritiva do nome mais alto não se verificará.

Como disse em 3.1., não considero que a presença de um restritor bloqueie só por si a leitura absoluta, embora pareça favorecer a leitura comparativa. Nos casos de função restritiva da estrutura nominal mais alta, o SN superlativo apenas pode ter uma leitura comparativa porque, como dito, é necessário um contexto situacional específico em que se comparam dois conjuntos de entidades (e.g. caçadores e javalis) e se relacionam as duas comparações. No entanto, em certos exemplos, é possível conceber uma leitura absoluta do SN superlativo, mostrando que a função restritiva do nome mais alto é, de facto, condicionada por questões extra linguísticas: a frase “o Tomé é o aluno que teve a nota mais alta” pode ser interpretada como “o Tomé é o aluno que teve 20” (além de, obviamente, como “o Tomé é o aluno que, de entre um conjunto de alunos contextualmente definido, é o que teve a nota mais elevada”), em que o SN superlativo “a nota mais alta”, com uma leitura absoluta, não depende de uma comparação dos alunos em causa, significando apenas 20.⁷

A proposta da função restritiva da estrutura nominal mais alta pode ser apoiada por alguns dados gramaticais. A paráfrase das frases de (11) e (12) através de um adjunto preposicional encabeçado por “de entre”, que é, como foi dito anteriormente, um típico restritor do conjunto de comparação de um SN superlativo, permite perceber contrastes interessantes que suportam a análise proposta.

- (16) (Participaram 20 caçadores nesta competição.)
O António é o caçador do javali mais pesado.
a. De entre os caçadores aqui presentes, o António é o caçador do javali mais pesado.
b. #De entre os javalis aqui presentes, o António é o caçador do javali mais pesado.
- (17) (Na turma de Geologia, os alunos fizeram trabalhos sobre montanhas da América.)
A Ana estudou a montanha da América com o solo mais rochoso.
a. De entre as montanhas da América referidas pelo professor, a Ana estudou a montanha com o solo mais rochoso.
b. #De entre os solos (de montanhas) da América referidos pelo professor, a Ana estudou a montanha com o solo mais rochoso.
- (18) (A conferência de Sociologia que se realizou hoje teve muitos oradores.)
Este é o congressista que tem o argumento mais interessante.
a. De entre os congressistas da conferência de hoje, este é o (congressista) que tem o argumento mais interessante.
b. #De entre os argumentos apresentados na conferência de hoje, este é o congressista que tem o argumento mais interessante.

⁷ O conceito de leitura absoluta é, em meu ver, discutível (Móia c.p.). O SN superlativo “a nota mais alta” é, na leitura absoluta, sinónimo de 20, mas essa correspondência é determinada por fatores pragmáticos como o espaço, o tempo e as convenções sociais em que a frase contendo esse SN é proferida. A frase “o Tomé teve a nota mais alta” significa que ele teve 20 se for proferida no contexto do ensino secundário ou universitário em Portugal no momento atual, mas se a frase for proferida no contexto do ensino básico português, então o Tomé teve 5, da mesma forma que, se for proferida nos EUA, significará que o Tomé teve A+. Não está no âmbito deste trabalho uma discussão deste conceito, razão pela qual o adoto aqui nos termos clássicos em que tem sido tratado na literatura da especialidade (e.g. Szabolcsi, 1986; Heim, 1999; Farkas e Kiss, 2000).



Como se vê nos dados de (16) a (18), que reproduzem, respetivamente, as frases de (11a), (11b) e (12a), a paráfrase mais natural das estruturas com encaixe de um SN superlativo em SNs definidos e com a leitura restritiva da estrutura nominal mais alta envolve um adjunto frásico encabeçado por “de entre” (frequentemente usado para explicitar o conjunto de comparação) crucialmente associado ao N_1 e não ao N_2 . Nos exemplos de (16-18), as frases de b. não são agramaticais; no entanto, não correspondem às paráfrases mais adequadas às frases com a leitura proposta neste artigo, que, como já dito, é possível (e influenciada) por determinados contextos situacionais em que as frases são proferidas, como os que são apresentados entre parêntesis, na primeira linha destes exemplos.

A incoerência que surge ao apontar, no adjunto, um conjunto de entidades que não são do mesmo tipo do núcleo do SN relevante mostra, assim, a pertinência do nome mais alto na semântica da frase e na interpretação do conjunto de comparação do SN superlativo, mostrando que é crucial para o significado da frase a consideração de N_1 no conjunto de comparação. Assumindo que os adjuntos com “de entre”, aplicados em contextos de superlativos, servem para destacar os elementos que são comparados, estes dados provam que, nestas frases, estão envolvidos dois conjuntos de entidades que são comparadas entre si (relativamente a determinada propriedade). Comparam-se entidades do tipo do N_2 (como é de regra, já que este é o núcleo de um SN superlativo, que necessariamente envolve uma comparação), mas também entidades do tipo do N_1 , de que o SN encaixado depende.

Mais uma vez, é importante reforçar que o contexto de enunciação é necessário para que os dados de (16) a (18) sejam relevantes. Como se vê nos cenários estabelecidos pelas frases entre parêntesis, a comparação entre as entidades do tipo associado ao nome mais alto e a sua influência na comparação diretamente expressa no SN superlativo faz sentido dadas as condições pragmáticas certas.

4. Conclusões

Este trabalho apresenta uma análise de construções em que um sintagma nominal superlativo está encaixado num sintagma nominal definido, considerando a possível ambiguidade de leitura resultante desta posição do SN superlativo e a interferência de determinadas condições pragmáticas.

Mostrei que, em frases como “o António é o caçador do javali mais pesado”, o sintagma nominal “o caçador do javali mais pesado” pode ter uma leitura que envolve duas comparações interdependentes entre si – uma entre caçadores (N_1), relativamente ao peso dos javalis que cada um caçou, e outra entre javalis (N_2), relativamente ao seu peso – ou, alternativamente, uma leitura de simples encaixe e modificação nominal (em que apenas se comparam javalis relativamente ao seu peso, não caçadores).

A primeira leitura, que podemos denominar **leitura restritiva da estrutura nominal mais alta**, está necessariamente dependente de condições pragmáticas relativas ao contexto de enunciação e caracteriza-se pelo facto de a estrutura nominal nuclear do SN mais alto operar como restritor do conjunto de comparação do SN superlativo encaixado, influenciando, pois, de forma direta a sua interpretação – no exemplo referido, comparam-se javalis, mas apenas os caçados por um determinado conjunto de caçadores especificado no contexto. Na segunda leitura, o SN superlativo é semanticamente independente, na medida em que a comparação de que resulta a estrutura superlativa não exige que sejam consideradas de modo comparativo as entidades identificadas pelo núcleo nominal de que o sintagma depende.

Propus que, formalmente, a diferença entre as duas leituras fosse expressa na representação semântica do SN superlativo na descrição do conjunto C^* (segundo a linguagem da DRT, na proposta de Yee 2010), pois a informação do nome mais alto deve constar, na leitura em causa, nas condições que identificam o conjunto de comparação do SN encaixado.

A observação de que estão envolvidas duas comparações e dois conjuntos de comparação evidencia o carácter especial destes SNs superlativos particularmente encaixados, face a outros SNs superlativos. O nome



do SN superior identifica entidades associadas a um conjunto de comparação, mesmo que esse nome não encabece um SN estritamente superlativo, sendo essa a particularidade que aqui me interessou destacar.

Realizado no âmbito de um estudo mais geral das estruturas superlativas do português, este trabalho pretende sobretudo compreender qual a influência que a posição de encaixe do SN superlativo num SN definido tem na sua semântica. Tendo em conta que a expressão linguística dos operadores de restrição frequentemente usados para definir o conjunto de comparação de um SN superlativo é muito diversificada, proponho que as estruturas em análise neste trabalho se integrem na tipologia, ainda pouco sistematizada em trabalhos de análise gramatical, de restritores linguísticos da construção superlativa.

As análises aqui apresentadas podem também levantar questões interessantes acerca das fronteiras (sintáticas) do que podemos chamar um “sintagma nominal superlativo”, nomeadamente a questão de saber se os seus limites devem coincidir com a sua estrutura sintática básica – [Art-def + N' + SA/SP/Orel_{mais/menos}] – ou se, adotando um ponto de vista mais semântico ou semântico-pragmático, devem antes corresponder a um sintagma maior que inclua os núcleos nominais que contribuam diretamente para a definição do conjunto de comparação relevante. Como ingrediente adicional a considerar na análise desta questão – que deixo para investigação posterior – está o facto de que as condições de definitude do SN superlativo parecem verificar-se também no SN mais alto, sendo agramaticais estruturas com indefinidos, na leitura relevante (“Cumprimentei {o/*um} caçador do javali mais pesado.”).

Os dados analisados mostraram ainda casos de ambiguidade interessantes e, tanto quanto sei, pouco estudados: casos em que a diferença de interpretação só é visível em C*, na formalização. Um mesmo sintagma nominal superlativo terá, assim, duas representações discursivas diferentes, consoante o contexto em que surge. Fica para investigar, em estudos futuros, se essa ambiguidade tem ou não alguma expressão em termos de configuração sintática.

Os casos de ambiguidade estudados mostram que um sintagma nominal superlativo, cuja semântica é particularmente complexa, pode ser influenciado na sua interpretação pela posição sintática em que se encontra (além de, como é natural, condicionar a interpretação da frase e do constituinte de que faz parte). A influência em causa é resultante sobretudo de questões pragmáticas, embora, como se observou, tenha impacto em diferentes níveis gramaticais.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia I.P., no âmbito de uma bolsa de doutoramento, e por verbas do projeto estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa UID/LIN/00214/2019.

Agradeço aos meus orientadores, profs. Telmo Mória e Rui Marques, as discussões que estiveram na base deste trabalho e a leitura atenta e sugestões de melhoria do texto.

Referências

- Cunha, Celso & Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Farkas, D. & K. Kiss (2000) On the comparative and superlative readings of superlatives. In *Natural Language and Linguistic Theory* 18. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, pp. 417-455.
- Gawron, M. (1995) Comparatives, superlatives, and resolution. *Linguistics and Philosophy* 18: 333-380.
- Heim, Irene (1999) *Notes on superlatives*. Ms, UTexas.
- Huddleston, R. (2002) Superlatives. In *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1164-1170.



- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht, Boston, Londres: Kluwer Academic Publishers.
- Marques, Rui (2013) Construções superlativas. In *Gramática do Português*, vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2160-2164.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Matushanksy, Ora (2008) On the attributive nature of superlatives. *Syntax 11 (1)*, pp. 29-90.
- Móia, Telmo (1993) Aspectos da modificação das estruturas nominais. In *Discursos. Estudos de língua e cultura portuguesa 4 – Semântica das estruturas nominais*. Coimbra: Universidade Aberta, pp. 37-63.
- Peres, João Andrade (1992) Questões de semântica nominal. In *Cadernos de Semântica 1*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Raposo, Eduardo Paiva & Matilde Miguel (2013) Introdução ao sintagma nominal. In *Gramática do Português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 703-731.
- Romero, Maribel (2013) Modal superlatives: a compositional analysis. *Natural Language Semantics 21*, pp. 79-110.
- Scheible, Silke (2009) *A Compositional Treatment of Superlatives*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Edinburgh.
- Schwarz, B. (2005) *Modal superlatives*. Ms, McGill University.
- Sharvit, Yael & Penka Stateva (2002) Superlative expressions, context, and focus. *Linguistics and Philosophy 25*, pp. 453-504.
- Stateva, Penka (2005) *Presuppositions in superlatives*. Ms, ZAS Berlin.
- Szabolcsi, Anna (1986) Comparative superlatives. *MIT WPL8*, pp.245-266.
- Tomaszewicz, B. (2015) Relative readings of superlatives: scope or focus? *Proceedings of SALT 25*, pp. 452–470.
- Yee, Charles (2010) *Building DRT lexical entries for superlatives and ordinal numbers*. Ms, Univ. Stuttgart.

